

Encontro anual de  
**INICIAÇÃO**   
**CIENTÍFICA DA UNESPAR**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO FEMININO EM DIZERES SOBRE VIOLÊNCIA  
CONTRA A MULHER NO ESPAÇO DIGITAL**

Alessandra Harumi Miura(PIC)  
Unespar/ Apucarana, alessandrahmiura@gmail.com  
Ana Paula Peron (orientadora)  
Unespar/Apucarana, anapaulaperon@gmail.com

**RESUMO:** A presente pesquisa visa realizar um gesto de leitura sobre algumas significações produzidas acerca do feminino no espaço digital – mais especificamente, na rede social *facebook*. O arquivo da pesquisa foi construído a partir de postagens realizadas nesse espaço, em grupos cuja temática é a violência contra a mulher. Para o recorte analítico e a construção do corpus de análise, escolhemos duas postagens que abordam a mulher na relação violenta dentro da conjugalidade. O eixo teórico que sustenta nossa análise é o da Análise de Discurso de vertente materialista, que tem em Michel Pêcheux seu fundador. Para realizar esta pesquisa, primeiramente contextualizamos o modo como a prática de violência doméstica contra a mulher foi historicamente construída; procuramos abordar também a luta em favor da não-violência contra a mulher, que, no Brasil, culminou com a promulgação de uma lei (que ficou conhecida como Lei Maria da Penha) para coibir tal prática. Além disso, voltamos o olhar também para a função das redes sociais como elemento disseminador de um espaço de acesso à informação também no que se refere à temática da violência contra a mulher. Nossas análises sinalizam para a construção de uma imagem estereotipada de mulher como se esta fosse “propriedade” do parceiro em uma relação conjugal, sofrendo abusos e violências por motivos torpes. As análises ainda apontam para significações da mulher enquanto alguém que sofre silenciamentos diante das práticas de violência na conjugalidade, indicando e motivando para a necessidade de que a violência sofrida não seja deixada em segredo, mas que seja denunciada, de modo a favorecer uma quebra nesse ciclo que ainda perpassa a vida de tantas mulheres em seus relacionamentos conjugais.

**Palavras chave:** Significações de mulher. Violência contra a mulher. Rede social.

## **INTRODUÇÃO**

A palavra *violência* vem do termo latino *vis*, que significa força. Assim, violência é o abuso da força, ou seja, usar a violência contra alguém, ou fazê-lo agir contra sua vontade (VERONESE; COSTA, 2006). Apesar de as mulheres terem conquistado grandes avanços na sociedade, a violência contra a mulher ainda é uma prática recorrente.

Esse problema não escapa das discussões produzidas nas redes sociais, que hoje se configuram como importantes mecanismos de circulação e de produção de discursos. A rede social pode ser considerada como um espaço em que o sujeito parece inscrever-se com maior liberdade para expressar seus posicionamentos, manifestar suas revoltas e opiniões e, ao mesmo tempo, ver apoiada e compartilhada essa filiação ideológica.

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo realizar um gesto de leitura sobre algumas significações produzidas acerca do feminino no espaço digital – mais especificamente, na

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

rede social *facebook*. O arquivo da pesquisa é construído a partir de postagens realizadas nesse espaço, em grupos cuja temática é a violência contra a mulher. O eixo teórico que sustenta nossa análise é o da Análise de Discurso de vertente materialista, que tem em Michel Pêcheux seu fundador.

Nosso material compreende duas postagens, selecionadas a partir de grupos de interesse sobre essa temática, e que sinalizam para as significações de mulher na rede social. Nosso objetivo é observar quais imagens do sujeito mulher são produzidas e o modo como o feminino, em uma interface com a violência, é discursivamente representado e significado nesse espaço por meio da linguagem.

Ao pensarmos em violência doméstica e em suas significações, é necessário definirmos a violência e como essa prática foi historicamente construída. Blay (2003) afirma que, na prática da violência, sempre há um sujeito coagindo o outro, no intuito de abolir-lhe o desejo da autonomia e da liberdade; portanto, a violência é, sobretudo, um instrumento de controle. Nesse âmbito, a violência contra a mulher pode ser classificada como conjugal quando ocorre apenas entre o agressor e a parceira ou doméstica (quando envolve outras pessoas que convivem com a mulher no espaço doméstico). É, inicialmente, uma questão de gênero, resultado de uma relação de poder, construída ao longo da história, e consolidada por uma ideologia machista e patriarcal.

Ao refletir sobre a violência contra a mulher, Blay (2003) define que as práticas de agredir, estuprar e matar a mulher vêm acontecendo ao longo da história, porém a magnitude da agressão sofre variações, sendo mais recorrente em países onde prevaleceria uma cultura amplamente masculina. Organismos internacionais começaram uma mobilização contra este tipo de violência depois de 1975, quando a ONU realizou o primeiro “Dia Internacional da Mulher”. Contudo, foi somente em 1993 que a Comissão de Direitos Humanos da própria ONU incluiu um capítulo de denúncia e propôs medidas para coibir a violência de gênero.

Além disso, ao fazer um desdobramento histórico da violência, tal como ela é vista na sociedade, Blay (2003) menciona que, com o advento da industrialização e da urbanização, desde a metade do século XIX, houve profundas alterações nos alicerces sociais, culturais, econômicos e políticos, sobretudo na representação do “ser mulher” na vida em sociedade. As mulheres, por sua vez, começaram a ocupar um maior destaque na sociedade, começaram a trabalhar fora do lar e a estudar e, com isso, foi sendo produzido certo contato com comportamentos e valores de outros países, os quais passaram a ser confrontados com os costumes patriarcais brasileiros ainda vigentes. Dessa forma, as mulheres passaram a reivindicar seus direitos perante essa nova sociedade que vinha sendo moldada, não mais aceitando “pacificamente” as violências a que vinham sendo expostas até então.

Adentrando na esfera brasileira, Izumino (2004) aponta que, na década de 70, houve uma grande efervescência política, acarretando um aumento da participação feminina no setor produtivo, além da presença nos movimentos sociais, lutando por melhores condições de vida. Data-se também que, a partir desse período, começaram a ocorrer as lutas pela redemocratização do país e o fim da

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

ditadura militar e, assim, as mulheres começaram a se engajar politicamente e a trocar experiências, questionando a situação de opressão feminina, semeando, desse modo, a possibilidade de denunciar e combater a violência contra a mulher.

Em nosso país, essas lutas culminaram em outro aspecto relevante na luta em favor da não violência contra as mulheres: a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que se firmou como um marco histórico regulador para os movimentos em prol da não violência contra as mulheres e para a concretização de mecanismos destinados a coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, conforme determina a Constituição Federal, em seu artigo 226, parágrafo 8º.

A criação dessa Lei também cumpre a determinação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. Com relação à Lei Maria da Penha, Bastos (2006) afirma que essa lei foi um marco no enfrentamento à violência; por exemplo, no sentido de vetar que, em caso de condenação, seja aplicada ao réu somente pena de prestação pecuniária e multa, sem, contudo, vetar a aplicação de outras penas restritivas de direitos que se descumpridas, são passíveis de conversão em prisão.

Ainda conforme Bastos (2006), a Lei Maria da Penha também faz uma definição conceitual de violência doméstica e familiar contra a mulher e o âmbito de reincidência a que se aplica a lei; prevê, ainda, a prisão preventiva do agressor em qualquer fase do inquérito policial, quando se tem prova da existência do crime e indício suficiente de autoria. E isso culminou com um acréscimo no Código Penal que cuida dos pressupostos de prisão preventiva, especialmente no caso de violência doméstica contra a mulher.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ESPAÇO DIGITAL E A ANÁLISE DE DISCURSO**

Além dessas considerações a respeito do avanço no combate à violência contra a mulher, é necessário caracterizar que a situação de violência não está alheia às mudanças sociais ocorridas no mesmo período. Entre essas mudanças, chamamos a atenção para a criação da internet que, segundo Abreu (2006), foi iniciada na década de 70, com a chamada Revolução Digital, intensificando-se a partir de meados da década de 90. E, desde então, a internet ganha cada vez mais influência na vida de seus usuários, em especial nas redes sociais como o *facebook*, o *twitter*, o *instagram*, o *linkedin* etc, que são considerados, na atualidade, os espaços mais democráticos e velozes, na medida em que as opiniões são facilmente difundidas e podem influenciar milhares de pessoas.

Dentre essas redes sociais, decidimos montar nosso arquivo de pesquisa a partir do *Facebook*, pelo fato de ele ser um exemplo de site de relacionamento cuja popularidade é considerada um fenômeno que cresce em âmbito mundial com muita rapidez, abrangendo não só determinadas idades e classes, mas um todo em si (SILVEIRA, 2011).

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

E, dessa forma, ao propormos uma análise desse espaço digital, é imprescindível ter em mente que, ao se pensar as mudanças no mundo a partir da esfera virtual, têm-se uma mudança no modo de inscrição dos sujeitos e dos sentidos na história, uma vez que os paradigmas são outros. E isso modifica também nossa maneira de estar no mundo (DIAS, 2004). Dessa forma, compreender o virtual em sua discursividade implica, entre outras coisas, compreender a diferença que constitui o sujeito em sua realidade, em sua propriedade, em sua individualidade.

Outra definição para esse conceito de virtual, que enriquece a nossa discussão, encontramos em Lévy (1999, p. 127). Para o autor,

uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independentemente de proximidades geográficas ou filiações institucionais, a menos, é claro, que o ponto comum da comunidade seja reunir habitantes da região "x" ou de tal instituição. Os relacionamentos entre os membros de uma comunidade estão longe de serem frios, inclusive é muito comum algum envolvimento afetivo ou ainda discussões acaloradas que acabam transformando membros da mesma comunidade em antagonistas mútuos.

Além disso, cumpre ressaltar que a internet possui, em sua essência, o anonimato – que permite um certo não comprometimento social, sendo utilizado muitas vezes como um recurso que assegura alguma “preservação” dos interlocutores. Além disso, o espaço digital vem sendo palco em que se publicizam as múltiplas esferas da violência contra a mulher.

Se queremos discutir algumas das imagens de mulher que são recorrentemente postas em circulação nesse espaço, pensando sempre na relação mulher-violência, precisamos nos pautar em textos efetivamente produzidos, uma vez que o espaço de materialização do discurso é a língua que, por sua vez, manifesta-se nos textos. Ao refletir sobre o texto, Orlandi (1996) ressalta que devemos esquecer a antiga concepção de progressão textual como algo linear, cronológico, mas ousar concebê-lo como um bólido de sentidos que parte em inúmeras direções e em múltiplos planos significantes, mas, é claro, obedecendo a um regime de necessidade que é a sua relação com a exterioridade, ou seja, sua memória (saber discursivo) e interdiscurso.

Isso implica considerar a incompletude presente no texto – considerado enquanto exemplar de discurso, visto que o texto é sempre efeito de diferentes naturezas de memórias, uma vez que ele não nasce no momento em que é enunciado, porque é produzido a partir de uma constante construção, sem começo nem fim; há, assim, uma memória aberta a novas constituições, o que, de fato, contribui para produzir novos sentidos ou desestabilizar os sentidos já formados. O discurso está, portanto, sempre marcado por outros discursos anteriores que o enunciador reproduz ou modifica no momento de sua fala, mediante a sua ação do pré-concebida do discurso (ALBUQUERQUE 2007).

Dada a incompletude constitutiva de todo esse processo de significação e considerando a interpretação como função dessa incompletude, Orlandi (2005) aponta que não há sentido sem

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

interpretação e que a interpretação está tanto no nível de quem fala como no de quem analisa; dessa forma, a finalidade do analista de discurso é entender como o texto funciona. Além disso, a interpretação tem uma relação mútua com a materialidade da linguagem e as diferentes linguagens são distintos gestos de interpretação que constituem a relação com o sentido nas diferentes linguagens.

Segundo a mesma autora, “o gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história” (ORLANDI, 1996, p. 18).

Orlandi (2005) ainda salienta que os gestos da interpretação são carregados de uma relação da língua com/ sobre a língua, ou seja: interpretar é dizer o dito, de modo que nossas palavras articulam-se com outras, não sendo essencial a análise estrutural do texto, mas sim a relação da posição do analista com os gestos de interpretação do sujeito.

E, dessa forma, Orlandi (1996), enfatiza que a Análise de Discurso trabalha com fatos e não com dados, o que nos coloca frente ao funcionamento discursivo, de modo que o trabalho do analista começa pelo processo de produção da linguagem e não se detém apenas no produto. Isso significa que, ao lermos discursivamente as postagens a que nos propusemos, devemos priorizar o processo de produção das mesmas, e não parar em seu conteúdo, já que, em Análise de Discurso, a ênfase recai sobre os modos como um texto significa muito mais do que em seu conteúdo, e o tempo todo o analista faz um batimento entre descrição (do material) e análise (dos processos discursivos).

### **A CONSTRUÇÃO DA MULHER SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Para a análise, selecionamos duas materialidades escolhidas entre as inúmeras postagens do *facebook* de grupos com essa temática de combate a violência contra a mulher. Nosso critério para o recorte foi que, nas materialidades, aparecessem juntos homem e mulher em uma relação que retratasse a violência na conjugalidade. Decidimos, ainda, trabalhar com textos imagéticos ao invés de trabalhar apenas com textos verbais.

O primeiro texto que analisamos foi retirado da rede social *Facebook*, precisamente da página <https://www.facebook.com/crampsv?fref=ts>, acessada em 15 de outubro de 2014, criada por usuários da rede e intitulada “Violência doméstica contra mulher”:

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar



**Violência Doméstica contra mulher** compartilhou a foto de Aconselhamento de Casais.  
16 de abril

SE O ÁLBUM DE CASAMENTO FALASSE, ACONSELHARIA A MUITAS PESSOAS A NÃO VIVEREM SÓ DE APARÊNCIAS.

Todo casamento frustrado tem uma origem de maldição. Toda família destruída pode ter sido vítima da imprudência ou da precipitação. Muitas mulhe... Ver mais

**" SE O MEU ÁLBUM DE CASAMENTO FALASSE "**  
Muitas mulheres se casam em busca da felicidade, mas com o passar dos anos, descobrem que são reféns do próprio marido e o sonho de um casamento feliz, virou um pesadelo de violência e traições. Não escolha um marido pela aparência, escolha pelo caráter.

Arte Pastor Melqui

Curtir · Comentar · Compartilhar 13 25 compartilhamentos

É sempre preciso ter presente que, ao nos indagarmos sobre as imagens de mulher que aparecem nas postagens e sobre a forma como essas imagens produzem sentidos sobre o sujeito mulher, está sendo considerado ali todo um processo discursivo. Um ponto a ser destacado, como nos lembra Albuquerque (2007), é que a noção de discurso deve ser entendida como efeito de sentido, e não como mera transmissão de informação entre interlocutores, visto que o discurso é uma prática social que remete a uma multiplicidade de sentidos que serão possíveis de serem concretizados em determinadas condições de produção.

Por meio do discurso, trabalha-se a linguagem e o seu sentido como ilusoriamente transparentes, uma vez que toda materialidade significativa se encontra ligada a uma condição de produção e essa, por sua vez, sempre constituída pela ideologia, faz parecer que um enunciado pareça ter apenas um sentido de interpretação, em virtude da interpelação ideológica que constituem sujeitos e sentidos nas práticas sociais.

Na materialidade selecionada, aparecem duas fotografias de casamento. Na primeira, evidencia-se uma mulher loira, vestida de noiva, trajando um vestido branco, véu e grinalda – o que nos remete à forma tradicional de “casamento” –, além disso, ela também tem nas mãos um buquê, no qual se mesclam rosas brancas e vermelhas. O homem, ao seu lado, está trajando um *smoking* preto, camisa branca, uma rosa no paletó, impactando certo romantismo à foto. Os dois encontram-se entrelaçados, porém os braços estão ocultos na imagem.

Já na imagem contrastada ao lado desta primeira, aparece o casal de costas para a câmera, mostrando que a mesma mulher está tendo seu braço torcido pelo homem, com o detalhe de que o

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

braço e as costas da mulher apresentam vários hematomas, indicando que essa violência já deveria estar ocorrendo mesmo antes do casamento. Outro detalhe que consideramos relevante nessa materialidade é que, nessa foto, o paletó do noivo encontra-se “desbotado”, o que também nos remete a uma impressão de relação desgastada.

Essa imagem tem como título “Se meu álbum de casamento falasse”, o que faz uma alusão ao momento idealizado e sonhado por muitas mulheres, que é a concretização do casamento, e ao mesmo tempo inscreve-se em uma memória discursiva<sup>1</sup> de que a violência deve ser ocultada nos lares. Retoma-se a ideia inscrita em uma perspectiva patriarcal e tradicionalista, segundo a qual as coisas que acontecem entre marido e mulher não devem ser expostas a olhares externos. Visto que o álbum de fotos não pode falar, essa violência fica oculta atrás da aparência de um casamento feliz e dos sonhos. Mesma alusão pode ser referida observando-se que a foto de frente tem sorrisos e a de costas sinaliza para a violência, a parte obscura da relação.

Junto da imagem do casal, com as duas fotos, essa materialidade significativa traz, ainda, os seguintes dizeres:

Muitas mulheres se casam em busca da felicidade, mas com o passar dos anos, descobrem que são reféns do próprio marido e o sonho de um casamento feliz, virou um pesadelo de violência e traições. Não escolha um marido pela aparência, escolha pelo caráter.

Essa frase também remete a uma referência ideológica de que a mulher “precisa” se casar e isso vem sendo historicamente construído. Uma vez que, ideologicamente, apesar de todos os avanços femininos, ainda existe, em nossa sociedade, um efeito de evidência de que o casamento deveria ser o objetivo de vida da mulher e, para tanto, a mulher deveria aceitar qualquer forma de violência ou discriminação em prol da manutenção desse casamento. Podemos descrever aqui um diálogo com a memória de que a mulher seja “posse” de seu marido, ou de que a mulher “precise” se casar e o casamento “deva ser” o seu projeto de vida. Memória que contrasta com um outro campo de saberes emergentes, oriundos das lutas dos movimentos sociais e, especialmente, dos movimentos feministas, que vem construindo uma outra memória: a da não necessidade do casamento para a mulher, a da independência feminina.

Avançando um pouco mais nas discussões sobre violência contra a mulher, Izumino (2014) afirma que a mulher encontra no imaginário feminino e masculino um lugar de vitimização, como vemos na imagem a figura do homem oponente torcendo o braço de tal forma que a mulher não

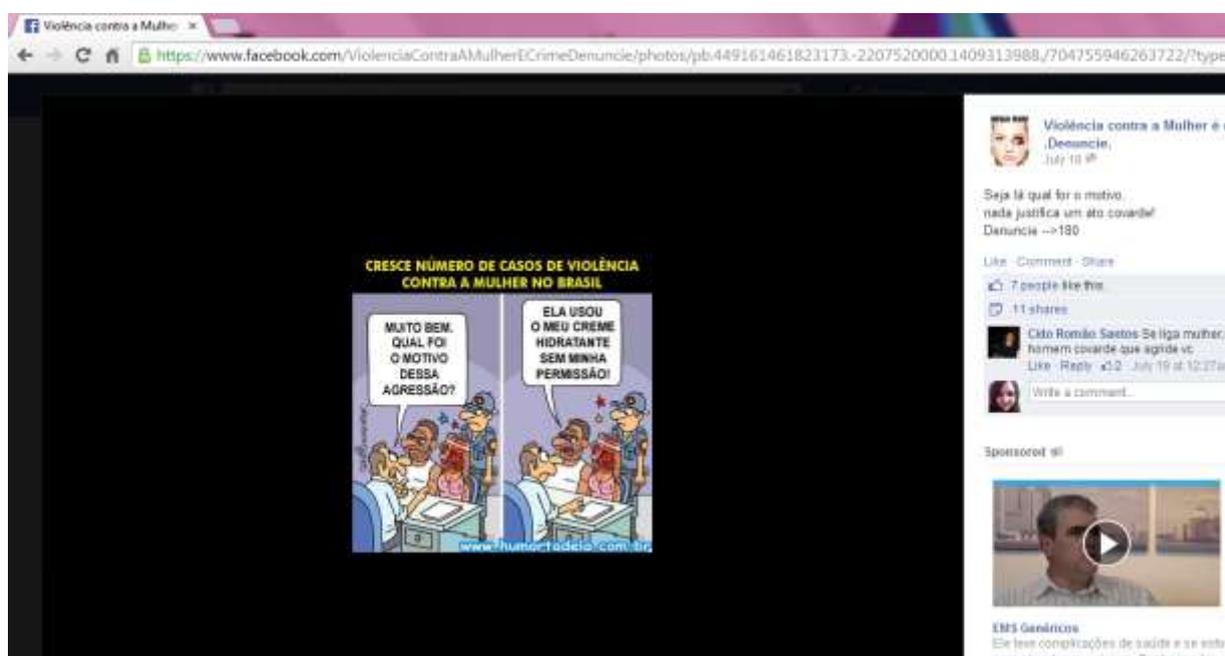
---

<sup>1</sup> A memória discursiva refere-se a algo que funciona antes, em outro lugar e independentemente do sujeito, mas cuja mobilização ocorre todas as vezes que o sentido é produzido (Pêcheux, 1995)

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unesp

poderia se defender, colocando-se em posição de vítima. E assim a autora menciona que essa posição foi sendo historicamente e culturalmente concebida a partir de modelos de comportamentos sociais que têm sua permanência explicada pelas bases da educação patriarcalista, ou ainda por elementos econômicos, como falta de oportunidade de trabalho, de estudo que ainda persistem em nossa sociedade em relação às mulheres. O discurso patriarcal fixa sentidos que silenciam a mulher na medida em que impede a discussão e a discordância desses sentidos, uma vez que tal fixação é socialmente organizada, ainda segundo Orlandi (1989).

No tocante à imagem da mulher enquanto vítima de uma relação violenta, que também se faz com recorrência na rede social, podemos observar, ainda, a seguinte materialidade:



Essa segunda figura também foi retirada da mesma página “Violência contra a mulher”<sup>2</sup>. Nela, observamos uma mulher com o rosto todo vermelho, indicando estar manchado de sangue, e desfigurado, de forma que não é possível ver exatamente a fisionomia da mulher. A personagem está usando uma faixa branca na cabeça, representando um curativo, e o seu corpo possui várias escoriações. Sentado a seu lado, está um homem de camiseta branca, barbudo com a fisionomia séria. De frente a eles, do outro lado mesa, está um homem com uma postura inquisidora (apontando o dedo) que representa ser o delegado de polícia e, ao lado do casal, em pé, está um policial fardado. O texto traz ainda uma mensagem escrita afirmando que cresce o número de casos de violência contra a mulher no Brasil.

Há, nessa materialidade, duas cenas. Na primeira, o delegado pergunta o motivo pelo qual o homem agrediu sua mulher; na segunda cena, o homem alega que ela teria usado o seu creme

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ViolenciaContraAMulherECrimeDenuncie?photos>. Acesso em 11 de março de 2015.

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

hidratante, fato que o levou a agredi-la. Isso vem a reforçar a ideia que a agressão contra a mulher, no relacionamento conjugal, é causada por motivos torpes, em que o homem se sente “dono” da mulher, da mesma forma que se sente proprietário de um objeto. E assim, essa memória discursiva de algo que funciona antes, (ideologia de dono) em outro lugar e independentemente do sujeito, mas cuja mobilização ocorre todas as vezes que o sentido é produzido (impondo sua vontade enquanto proprietário da mulher).

O sentimento de posse é preponderante, como vem a reforçar o estudo realizado pela fundação Perseu Abramo, coordenado pelo professor da USP, Gustavo Venturi. De acordo com esse estudo, em metade dos casos de homens que assumiram a agressão e de mulheres que assumiram que são agredidas, existe uma discussão sobre fidelidade, com a ideia de posse de um sobre o outro. Nesse sentido, o estudo sinaliza para o fato de que a mentalidade brasileira ainda é conservadora.

Outra afirmação que temos da mesma pesquisa é que, além do sentimento de posse, outro motivo da violência contra a mulher seria o uso do álcool, de modo que 32% das vítimas entrevistadas atribuíram a última violência sofrida a ciúmes/ciúmes mútuos; e 12% afirmaram que foram agredidas porque o agressor fazia uso de álcool. Dessa forma, traçando um paralelo com a materialidade analisada, podemos verificar que o homem apresenta em sua fisionomia a face avermelhada, os olhos com olheira, barba por fazer, o que remete certa falta de cuidados pessoais, fornecendo assim indícios que o homem em questão possa ter feito uso abusivo de álcool.

Nessa última materialidade observamos também a presença de um comentário de um dos usuários da rede. Nesse comentário, aparece o seguinte dizer:

seja lá qual for o motivo, nada justifica um ato covarde.

Procurando a palavra *covarde* no “Dicionário Aurélio”, temos as seguintes definições:

1. Que ou quem recua ante o perigo ou o medo.
2. Que ou quem agride à traição.
3. *Que ou quem é valente com os mais fracos.*
4. Tímido, acanhado.

Se aceitarmos a 3ª significação do dicionário, “que ou quem é valente com os mais fracos”, partiremos da premissa de que a mulher seja mais fraca fisicamente, e, por isso, vulnerável ao homem. Assim a violência é um ato “covarde” à medida que a pessoa com maior força física impõe sua vontade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Diante das discussões, verificamos que a violência é um processo social e historicamente construído, e que aparece atrelado à imagem de uma mulher vítima, frágil e como sendo propriedade do homem. Apesar de , a luta em favor da não-violência contra a mulher ter vencido muitos desafios e, no Brasil, ter culminado com a promulgação da Lei Maria da Penha, o que vemos é que essas significações de mulher enquanto vítima, frágil e propriedade masculina continuam fortemente enraizada nos pilares da sociedade brasileira.

Nossas análises sinalizam para a construção de uma imagem estereotipada de mulher como se esta fosse “propriedade” do parceiro em uma relação conjugal, sofrendo abusos e violências por motivos torpes. As análises ainda apontam para significações da mulher enquanto alguém que sofre silenciosamente diante das práticas de violência na conjugalidade, indicando e motivando para a necessidade de que a violência sofrida não seja deixada em segredo, mas que seja denunciada, de modo a favorecer uma quebra nesse ciclo que ainda perpassa a vida de tantas mulheres em seus relacionamentos conjugais.

Precisamos ter em vista, como nos aponta Alós (2004) que não somos sujeitos *da* história somos sujeitos *na* historia, ou seja, estamos construindo a nossa história, de modo que podemos pensar as significações do sujeito mulher como um processo de constante construção, que pode, portanto, ser modificado e gerar outras significações que se distanciem da vitimização, da fragilidade e de ser “posse” de outro alguém.

### REFERÊNCIAS

ABREU, R. A. S. *Mudanças geradas pela internet no cotidiano escolar: as reações dos professores*. Paideia: Rio de Janeiro, 2006.

ALBUQUERQUE, M. E. T. *O testemunho da violência perpetrada: estupro em crianças e adolescentes*. Tese de doutorado, Campinas, SP : [s.n.], 2007.

ALÓS, A. P. Em busca de um percurso singular de sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico da Análise de Discurso. Tubarão, 2004

BASTOS, M. L. Violência doméstica e familiar contra a mulher. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, 2006.

BLAY, E. A. Violência Contra a Mulher e Políticas Públicas. *Estudos Avançados*, vol. 17. São Paulo. Setembro, 2003.

CYMROT, Danilo. Quais são as razões da violência domestica contra a mulher? Com a palavra, a vítima. Disponível em:

<http://institutoavantebrasil.com.br/quais-sao-as-razoes-da-violencia-domestica-contra-a-mulher-com-a-palavra-a-vitima/>. Acessado em 12 de março de 2015.

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

DIAS, C. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV*. Tese de doutoramento. Campinas, SP: IEL, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

IZUMINO, P. Wania. *Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero*. SP: FAPESP, 2004.

LEVY, P. 1999. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000. pp. 15-22.

ORLANDI, E. P. Análise do Discurso. In: ORLANDI, E. P. e Rodrigues, S. L. *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores. pp. 13-29.

ORLANDI, E. P. "Silêncio e implícito". In: Guimarães, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989, pp. 39-46.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SILVEIRA, M. T. e Vieira, G. Os aspectos positivos e negativos das redes sociais nas empresas nos dias de hoje. *Revista Científica Semana Acadêmica*, v. 1, 2011. p. 298062011.

SUSANAVIER. "Ideia de posse" é o principal motivo de agressão de homens contra mulheres. Disponível em:

<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2011/02/ideia-de-posse-e-o-principal-motivo-de-agressao-de-homens-contra-mulheres-afirma-pesquisador>. Acessado em 12 de março de 2015.